

CRENÇAS, NARRATIVAS E DEVOÇÕES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Gabriela Harumi Araki (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Mariane Rosa Emerenciano da Silva (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Vanda Fortuna Serafim (Orientadora), e-mail: vandaserafim@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Departamento de História

Palavras-chave: História Cultural, Religiosidades, Narrativas.

Resumo:

O presente trabalho se propõe a realizar uma discussão teórico-metodológica a respeito dos seguintes conceitos: crenças, narrativas e devoções, atentando a sua importância a historiografia. A pesquisa possui bibliográfico, visando mapear e compreender o uso de tais conceitos. Foram lidas, fichadas e discutidas, as ideias de autores como Jacques Derrida (2000) e Carlo Prandi (1997) a respeito das crenças, Sandra Pesavento (2007) e François Hartog (1999) no que refere-se às narrativas e Sylvana Maria Brandão de Aguiar e Hélio Pereira Lima (2015) para pensarmos a ideia de devoção.

Introdução

Ao pensarmos os conceitos de crenças, narrativas e devoções, destaca-se a importância em compreendê-los no campo da História Cultural e da História das Religiões e Religiosidades. Entendemos que tais conceitos se apresentam enquanto um alicerce das pesquisas sobre religiosidade na atualidade.

Deste modo, torna-se relevante pontuar que a vertente historiográfica da História das Religiões e Religiosidades é considerada, hoje, enquanto um campo consolidado. Embora faça-se necessário ressaltar também, que isto não significa entendê-lo como homogêneo ou livre de disputas e embates, mas ao contrário. Os vieses interpretativos do fenômeno religioso, assim como os demais objetos históricos, são variados e estão longe de oferecerem respostas ou soluções definitivas.

Outro ponto a ser notado, é a historicidade que tais conceitos são dotados. Pensamos em 'crenças', 'narrativas' e 'devoções' enquanto fenômenos da religiosidade atual, de acordo com as limitações do recorte temporal para ser aprofundado durante o período de 12 meses da Iniciação Científica.

Materiais e métodos

Tratando-se de uma discussão de cunho teórico-metodológico, buscamos elencar autores que elaboraram acerca dos conceitos já mencionados como objetos de reflexão. Em virtude deste projeto de iniciação científica estar vinculado ao Projeto de Pesquisa Docente intitulado “*Crenças, Narrativas e Devoções: uma discussão teórica*” coordenado pela Professora Dra. Vanda Fortuna Serafim (DHI/PPH/UEM), foram realizadas reuniões quinzenais no Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR/UEM) com o objetivo de debater os textos eleitos.

Resultados e Discussão

Considerando inicialmente o conceito de ‘narrativa’ percebemos com base em François Hartog (1999), que o narrador, quando traduz o outro, ou seja, narra sobre *b* para *a*, tende a operacionalizar a retórica da alteridade na qual é entendida pelo autor enquanto a fabricação do outro. Desta forma, podemos entender que:

Se a narrativa se desenvolve justamente entre um narrador e um destinatário implicitamente presente no próprio texto, a questão é então perceber como ela “traduz” o outro e como faz com que o destinatário creia no outro que ela constrói. (HARTOG, 1999, p. 228)

De encontro com a perspectiva de Hartog, Sandra Pesavento (2008) também elabora acerca das formas de anunciar o outro no campo da História, percebendo as narrativas como “ação humana de *re-apresentar* o mundo – pela linguagem, pelo discurso” (PESAVENTO, 2008, p. 13). Esta ‘re-apresentação’ do mundo parte-se da retomada de uma temporalidade já escoada.

Resgatar os elementos que compunham o tempo que já se passou significa buscar como os indivíduos percebiam a sociedade e o mundo no qual estavam inseridos. A narrativa atenta-se, então, a retratar e demonstrar as formas com as quais os olhos veem o que os cercam, traduzindo o outro da maneira mais verossímil possível. Embora a narrativa seja, por excelência, segundo os autores, traduzir o outro, essa também é carregada de marcas de enunciação que denunciam o narrador, desta forma, se nós, historiadores, resgatamos outros indivíduos de outro tempo, estamos a narrar também o tempo-espaço em que vivemos. Sendo assim, este seria o processo de operacionalização de uma retórica da alteridade.

A questão que norteou as leituras acerca do conceito de crença pautou-se em compreender as multifacetadas do *crer*. Carlo Prandi (1997) aponta para a problemática entre o termo *crença* e o termo *fé*, sendo o primeiro, muitas vezes, associado a superstição e o último relacionado à instituição, ou, um sistema religioso. As crenças são, para o autor, o conjunto de atitudes e formas de pensamento de um determinado grupo, desta forma “assumem o carácter de vestígios que uma cultura, geralmente subalterna, refuncionaliza

na medida em que elas encontram no seu seio as razões antropológicas de ser e de sobreviver” (PRANDI, 1997, p. 232).

Jacques Derrida (2000) elabora que a fé está intrinsecamente fundamentada pela experiência da mesma e pelo testemunho. Sendo a fé, a “decisão do outro no indecível” (DERRIDA, 2000, p. 30). Para o autor, fé e crença aliam-se e comprometem-se à invocação de fé contida na linguagem ou qualquer tipo de mensagem que dirige-se ao outro.

De modo a pensar as devoções enquanto objeto de discussão, faz-se necessário indicar que em alguns dicionários podemos observar sentidos antagônicos referentes a concepções sobre “devoções”. No trabalho de Sylvana Maria Brandão de Aguiar e Hélio Pereira Lima (2015) o termo é referido tanto no sentido conotativo como no positivo. Também é apontado pelos autores que a “devoção” nos remete ao contato com algo que não é de ordem natural, essa a “devoção” não é de cunho teórico, mas sim uma relação prática, “de natureza afetiva e de dedicação ao objeto fundante dessa relação” (AGUIAR; LIMA, 2015, p.3). Uma relação que implica o sujeito e o objeto de devoção. O devoto se entrega aos “cuidados daquela representação do sentido absoluto da sua existência” (AGUIAR; LIMA, 2015, p.3). Interessante pontuar que, em geral, as práticas devocionais são realizadas às margens das religiões oficiais e muitas vezes são cooptadas por esta e adequada aos seus parâmetros.

Conclusões

O Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR/UEM) atenta-se para tais discussões, uma vez que entende tais conceitos enquanto o ponto de partida para as pesquisas realizadas no campo da História.

Com base na discussão realizada entre os autores já mencionados, compreendemos as particularidades existentes no debate teórico-metodológico dos conceitos de crenças, narrativas e devoções. Tais conceitos são indispensáveis para se pensar a História Cultural e sua vertente da História das Religiões e Religiosidades, uma vez que podemos perceber a historicidade destes termos e como as diferentes sociedades os instrumentalizam.

Eles implicam pensar as religiões e as religiosidades sob a ótica da alteridade e, compreendendo que a compreensão histórica, também, está condicionada a um lugar de fala. Reconhecer essa leitura significa a tentativa de oferecer ao ‘outro’, objeto de análise, o lugar de um ‘próprio’.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer imensamente ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR/UEM), em especial a Profa. Dra. Vanda Fortuna Serafim e Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade, que além de desempenhar um papel incrível dentro do Departamento de História - UEM, coordenam o laboratório de pesquisa com bastante seriedade e

responsabilidade. É de suma importância a existência destes espaços que nos permitem pesquisar, conhecer, aprender e crescer academicamente dentro do campus universitário.

Agradeço também pela oportunidade garantida à mim por ter pessoas como Vitor de Oliveira Bordignon Valente e Gabriella Bertrami Vieira ao meu lado, me dando suporte e garantindo meus sorrisos durante a caminhada acadêmica.

Por último, mas não menos importante, agradeço à Fundação Araucária pelo interesse nesta pesquisa de iniciação científica e pela oportunidade de bolsa e dedicação exclusiva a este trabalho.

Referências

AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de; LIMA, Hélio Pereira. Devoções religiosas: negociações e disciplinamentos com e/do sagrado. In: *Simpósio Nordeste: Gênero e Religião: Diversidades e (in)tolerâncias nas mídias*, 2015, Pernambuco Anais do 2º Simpósio Nordeste da ABHR, 2015. Anais dos Simpósios da ABHR, Pernambuco, p.1-12, 2015.

DERRIDA, Jacques. Fé e saber. As duas fontes da religião nos limites da simples razão. In: DERRIDA, J; VATTIMO, G (org.). **A religião**. O encontro de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

PESAVENTO, Sandra J.; SANTOS, Nádia M. W.; ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

PRANDI, Carlo. Crenças. In: ROMANO, R. (dir.) **Enciclopédia Einaudi: vida/morte – tradições – gerações**. v. 36. Lisboa: Einaudi; Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1997. p. 229-256.